

[Narradora] A seguir, a Rede Aparecida de Rádio apresenta “Coragem de Ser: para falar de pessoas e não de deficiência”.

[3 bipes]

[Narrador] Vamos conhecer pessoas que sabem usar sua criatividade e que transpõem barreiras do dia a dia para viver uma vida com mais coragem. Seus anseios e descobertas, dons e determinações, apesar das dificuldades. Vamos falar sobre pessoas, não sobre deficiências. Está no Ar “Coragem de Ser”.

[música calma – violão]

“Olha eu sei, não sou ninguém pra vir dando conselhos

Mas tudo que aprendi depois de tantos erros

É que o amor está bem dentro de ti”

[Ana Neri] Boa tarde para você na sintonia da Rede Aparecida de Rádio. Começa agora o programa Coragem de Ser. Um programa que entrevista pessoas comuns com vidas extraordinárias, ou pessoas extraordinárias que têm vidas comuns. Depende do seu ponto de vista. Então, vamos compartilhar histórias de vida com tudo que tem direito? Momentos alegres, tristes, às vezes, experiências boas ou ruins, superações, dificuldades, aprendizados. Aqui no “Coragem de Ser” nós conhecemos pessoas que sabem usar a sua criatividade, que transpõem barreiras do dia a dia para viver uma vida com mais sentido. Vamos conhecer também os anseios, as descobertas, os dons e determinação, acima de tudo, apesar das dificuldades. Quem não tem dificuldades na vida, não é mesmo? Este programa é um convite para nos tornarmos mais abertos, coerentes e comprometidos também como cristãos e pessoas que participam, se preocupam e ajudam na construção de um mundo muito melhor.

[vinheta] *Coragem de Ser*

[vinheta] *Coragem de Ser... Leve Sabedoria.*

[Marluce Botelho] Hoje aqui no Leve Sabedoria vamos conversar com Guilherme Braga. Ele que é fundador da “Egalitê: inclusão e diversidade”, é o responsável pela “Inclui PCD 2020”, que será uma semana de feira online de empregabilidade de pessoas com deficiência.

Eu sou Marluce Botelho. Sou mulher branca, tenho cabelo castanho claro, comprido e ondulado, e olhos castanhos claros. No momento, uso óculos de grau, camiseta azul com estampa de folhas, calça fusô vermelha e sapatilhas bege.

Então, vamos conversar sobre como as mudanças na área de trabalho ocorridas durante a pandemia podem colaborar para a melhor empregabilidade de pessoas com deficiência, ou seja, como trabalhadores e empresas podem se conectar para mobilizar vagas efetivas. E para ajudar nisso acontecerá no final de setembro a “Inclui PCD”. Então vamos conversar com Guilherme Braga. Digo mais uma vez, que é o fundador da “Egalitê: inclusão e diversidade”.

Guilherme, seja muito bem-vindo ao nosso programa “Coragem de Ser”. E como você se descreveria hoje?

[Guilherme Braga] Olá, muito obrigado pelo convite. É um prazer estar aqui no programa “Coragem de Ser”. Sou homem de 33 anos, pele branca, cabelos castanhos, olhos verdes e uma barba curta. Tô vestindo uma camiseta branca. Então muito obrigado um prazer estar aqui hoje para poder discutir um pouquinho e conversar sobre o tema tão importante que é inclusão.

[Marluce Botelho] Guilherme, como que a pluralidade dentro de uma equipe de trabalho beneficia todos os envolvidos, seja colaborador com ou sem deficiência, gestor e até consumidor?

[Guilherme Braga] Existem diversos estudos hoje que já comprovam o quanto a diversidade, a pluralidade, gera diversos benefícios para as organizações. No nosso caso, a gente trabalha especificamente na inclusão de pessoas com deficiência. E a minha tese de Mestrado foi exatamente nesse sentido. A gente conseguiu avaliar vários ganhos no trabalho em equipe. Então pontos como, por exemplo, o clima organizacional, a relação entre as pessoas e até o nível de satisfação em relação à empresa era maior quando existiam profissionais com deficiência trabalhando. Existem outros estudos que trazem inclusive ganhos financeiros para as empresas que trabalham de uma forma mais efetiva a diversidade e a inclusão.

Então, a gente percebe que essa é uma grande tendência no mercado é uma coisa que vem sendo exigida, inclusive pelos consumidores, que querem saber o quanto a empresa se preocupa com o meio ambiente, com a diversidade, com as pessoas. Então, eu acho que é uma grande evolução que a gente vem tendo como sociedade em diversos movimentos que contribuem para que a gente pense não só no produto que a gente esteja comprando, mas em tudo que aquela empresa faz para gerar aquele produto. O quanto que ela é diversa. O quanto que ela respeita efetivamente a inclusão.

[Marluce Botelho] Guilherme, conta pra gente o que é a “Inclui PCD 2020” e como ela vai funcionar?

[Guilherme Braga] A “Inclui PCD” vai ser a primeira feira de empregos direcionada para pessoa com deficiência totalmente online e a nível nacional. A gente entendeu que durante a pandemia teve uma queda muito grande no número de vagas para profissionais com deficiência. Então a gente quis fazer um movimento para dar visibilidade, para que as empresas pudessem divulgar essas vagas e os candidatos conseguissem acessá-las. Um ponto muito importante é que esse evento vai ser 100% gratuito. Não vai ter nenhum custo, nem para as empresas, nem para os profissionais com deficiência.

A feira vai acontecer de 21 a 28 de Setembro. Essa data a gente não escolheu a toa. Dia 21 é o Dia Nacional da luta da inclusão da pessoa com deficiência. Então, a gente usa esse dia como marco para abertura da feira e que a gente possa nesse ano, mesmo à distância, conseguir fazer uma comemoração online nesse dia.

Além das vagas a gente vai trazer também capacitação para os profissionais com deficiência. Vai ter uma série de conteúdos para que a gente consiga ajudar os profissionais com deficiência nessa jornada da busca de oportunidades de emprego.

[Marluce Botelho] Guilherme, o que a pessoa que quer trabalhar e a que quer contratar precisa fazer?

[Guilherme Braga] Para participar da feira, quem tiver interesse, quem estiver buscando uma oportunidade de trabalho, ou você que é uma empresa e quer contratar profissionais com deficiência basta acessar o site da feira que é: incliupcd.com.br . Ali já vai estar disponível o cadastro para candidatos e o cadastro para empresas. Então tanto os candidatos, quanto as empresas já podem fazer no seu cadastro. E a partir do dia 21 de setembro, a gente vai liberar o acesso às vagas. Então os candidatos vão poder acessar todas essas empresas, que já são muitas que estão divulgando as vagas junto com a gente, e muitos profissionais com deficiência que também já estão se cadastrando, para que possa encontrar as melhores oportunidades de emprego, nesse momento.

Ressalto novamente é 100% gratuito. Não tem nenhum custo. Basta acessar pelo seu computador, pelo seu telefone, pelo seu tablete: incliupcd.com.br.

[Marluce Botelho] Agora fala para gente um pouquinho mais das redes sociais. Onde te encontrar? Como saber mais desse projeto?

[Guilherme Braga] Na Igualdade a gente tem um trabalho muito legal nas redes sociais com a divulgação grande de conteúdos, tanto para a empresa, quanto para candidatos.

Então vocês conseguem nos achar no Instagram, no Facebook, no LinkedIn. A gente está basicamente em todas as redes. No YouTube também temos um canal. Você pode encontrar como “vagasigualdade”. Igualdade se escreve E-G-A-L-I-T-Ê . Só escrever vagas igualdade que você vai encontrar o nosso perfil e ter acesso a vários conteúdos bem relevantes.

[Marluce Botelho] Guilherme, muito obrigada pela sua participação aqui com a gente no Coragem de Ser. Eu desejo muito sucesso para você e que você continue firme nesse trabalho. Grande abraço!

[Guilherme Braga] Muito obrigado pela oportunidade da gente poder conversar sobre inclusão e poder divulgar a “Inclui PCD”. Aguardo todos vocês de 21 a 28 de setembro no incliupcd.com.br . Grande abraço!

[vinheta] Coragem de Ser ... veja a pessoa e não a deficiência.

[vinheta] Coragem de Ser ... Entrevista.

[Ana Neri] Olá, mais um programa Coragem de Ser chegando até você. E é uma alegria sempre estar aqui conhecendo histórias, trocando experiências. Eu me sinto muito feliz porque, junto com as minhas colegas a Marluce Botelho e também a Flávia Machado, nós vivemos juntos aqui com você este programa. Eu não sou sozinha. Somos uma equipe. Tem sempre também um “piloto” comandando essa parte técnica aqui. Sempre um grande abraço para os nossos meninos, nossos operadores de áudio.

Eu sou Ana Neri, jornalista da Rede Aparecida de Rádio, e tem uma graça e a honra de com minhas colegas, como eu já disse, de estar à frente deste programa.

Para você me conhecer um pouco melhor, sou uma pessoa baixinha tenho 1,56. Sou morena clara, mais para branquinha, cabelos na altura dos ombros, olhos castanhos médios. Hoje estou vestindo calça jeans, uma camiseta branca, uma blusinha, porque sempre tem ar-condicionado aqui no estúdio, e sapatos marrons.

Hoje no nosso programa Coragem de Ser temos o prazer de conversar e conhecer a história da Mona Rikumbi. Ela é mãe, enfermeira - uma profissão que simplesmente admiro completamente - e bailarina e atriz. Olha, que interessante, que diferente. Enfermeira, atriz e bailarina. Inclusive na dança no Teatro Municipal de São Paulo e no Sambódromo do Anhembi, também em São Paulo. E não é só isso ela ainda faz parte da ONG "Assim Somos". Mas vamos deixar ela se apresente, que ela fale um pouco mais de tudo isso ela faz. Mona, seja super bem-vinda aqui no programa Coragem de Ser pela Rede Aparecida de Rádio!

[Mona Rikumbi] Olá, Ana! O prazer é meu de estar aqui com você e seus ouvintes.

[Ana Neri] Assim como eu me descrevi brevemente, como você se descreveria hoje também para que os nossos ouvintes te conheçam um pouco melhor?

[Mona Rikumbi] Eu gosto muito deste momento do programa onde a gente faz a nossa auto-descrição. Acredito que é assim mesmo, fazendo exercício de entender a diversidade que nós temos para gente construir um mundo melhor e mais inclusivo. Eu sou uma mulher negra, de 1,73. Eu uso muitas roupas características africanas. Eu estou com um turbante com cores vermelhas, amarelas e azuis, eu estou com uma bata que a gente chama de abadá com várias cores entre verde, azul, rosa, com vários elementos e vários desenhos de motivos africanos. Eu uso óculos, estou de brincos com búzios, colar e pulseiras também com búzios que são aquelas conchinhas bem características usadas pelo povo africano e também pelos indígenas. E tô muito feliz de tá aqui e iniciar esse nosso bate-papo.

[Ana Neri] Agora você pode também contar com mais detalhes, quem é Mona Rikumbi neste pedacinho de mundo?

[Mona Rikumbi] Ai, o que eu sou nesse pedacinho de mundo... primeiro eu acho maravilhoso o nome do programa né? "Coragem de Ser". E acredito que isso conta um pouquinho do meu pedacinho do mundo. Como eu disse eu sou uma mulher negra, já tenho 50 anos. Sou uma mulher dedicada à arte e à dança desde muito cedo. E junto com ela os valores africanos também sempre foram presentes dos meus trabalhos realizados com crianças, depois com adultos. E hoje com grupo totalmente seletivo e diverso, fazendo teatro, fazendo dança, dando palestras e contando esse olhar positivo frente às diferenças que nós temos no nosso mundo.

[Ana Neri] Como a dança entrou na sua vida?

[Mona Rikumbi] A dança, Ana, esteve na minha vida desde sempre. Eu sempre gostei de dançar. E ritmos com bastante percussão. Minha mãe disse que com uns dois aninhos eu já ficava me sacudindo toda, quando ela botava na época os LPs, os vinis na vitrola... coisa antiga né? Então sempre teve na minha história. E bem cedo também eu comecei a ter contatos com os valores africanos, toques, cânticos, a partir da minha tradição. E também porque eu tive a felicidade de adentrar num grupo. Isso há bastante tempo. Que já começava a estudar esse formato de dança. Diferente da europeia, que tem aquela coisa muito mais aérea, essa coisa

mais chão, de batida de pé, de braço, que tem a dança afro. Então desde muito cedo. Aos 8 anos eu já tinha começado o teatro, aos 9 a dança. E aí isso foi entrando na minha vida, foi fazendo parte de tudo aquilo que eu gosto. E também o ensino regular desde sempre. Só aos 24 anos é que eu tive que parar, porque eu engravidei. Foi uma gravidez solo. Aí eu fui pra enfermagem, que essa parte que vocês falaram da minha descrição. Fiquei quase 20 anos dedicados à enfermagem. E aí depois deu uma outra rodada na minha vida que me fez voltar para dança e o teatro.

[Ana Neri] Essa paixão pela dança te leva a muitos lugares com certeza, não é mesmo? Como é entrar no sambódromo e no palco do Teatro Municipal de São Paulo?

[Mona Rikumbi] Chegar no Municipal com certeza é o sonho de todo artista. E eu consegui chegar. E o inusitado é chegar depois dos 40 anos. E ali atuar. E ali dançar. E ali fazer história. Eu não sabia que tava fazendo história, naquele momento. Foi maravilhoso, porque o meu povo sempre teve lugares como esses servindo, limpando, nem tão pouco atuando e nem muitas vezes assistindo. Então foi um momento maravilhoso da minha vida, que eu agradeço a todos os meus ancestrais. E que eu tenha sido a porta aberta para que outros momentos como esse possam acontecer, que dê conta da diversidade. O Teatro Municipal é um espaço para estar todos, todos que amam a arte e acreditam na cultura.

O Anhembi eu já frequentava enquanto foliona muito cedo também. Minha mãe era baiana de escola de samba. Isso sempre foi muito próximo da gente. O diferente, que aconteceu esse ano, é de que eu faço parte de uma comunidade que se chama “Camisa verde e branco” e lá eu estou na escola de samba. Nós não temos lá na ala para deficientes. É uma escola que entende que a pessoa com deficiência possa estar em qualquer lugar, em qualquer ala que queira. Isso eu acho que a maior prova de entender que não temos que falar “inclusão”, mas sim “pertencimento”. A gente pode estar em qualquer lugar. É só colocar as condições adequadas que estaremos juntos, todos e todas, se divertindo ou lutando.

[Ana Neri] E nesse momento de distanciamento social por conta da pandemia do novo coronavírus, como você tem se adaptado para trabalhar e também continuar suas atividades como a dança, por exemplo, Mona?

[Mona Rikumbi] Neste momento de pandemia, isolamento social, e todos os agravos e esse vírus botou no mundo, a gente há de se perceber de que botou foco, botou luz, nas diferenças essas entre as pessoas no mundo todo. Existem pessoas que com ou sem pandemia sempre viveram em isolamento social. Quem são essas pessoas? As pessoas com deficiência, as mulheres negras, jovens negros, as comunidades tradicionais. E isolamento social em que sentido? Sem acesso, sem acesso a uma vida digna, a uma educação, a uma saúde. E até mesmo direito de ir e vir. Pra muitos, mesmo que amanhã nós tivéssemos a vacina, não conseguiriam sair da onde estão por falta de acesso. Então em nome disso eu venho, dentro do que é possível e da onde eu atuo, fazer e se reinventar, como todo mundo vem fazendo através de lives, webnários, de bate papos para gente ampliar essa discussão e fazer com que tudo isso que tá acontecendo nesse momento seja o que vai embasar e embalar as nossas relações com todos e com o mundo daqui para frente.

[Ana Neri] Mona, olha só dizem que quando nós calçamos o sapato do outro percebemos assim então no seu ponto de vista. Se alguém fosse calçar os seus sapatos, como seria esta pessoa?

[Mona Rikumbi] Ah Ana... se nesse momento alguém fosse calçar os meus sapatos talvez tivesse um pouquinho de dificuldade. Por que que eu falo isso? Porque eu sou cadeirante. Isso mesmo. Eu tenho neuromielite óptica é uma doença rara degenerativa e progressiva, que começou em 2000. E em 2007 fui definitivamente para cadeira de rodas e de lá eu fui reaprender como fazer o teatro, como fazer a dança, nessa ótica, com esse formato, esse novo formato. A deficiência aconteceu para mim num momento de muita dificuldade. Mas o meu filho era muito jovem. Então independente das condições que eu ficasse, eu queria tá aqui para poder dar conta. Porque quando a gente coloca alguém no mundo, a gente tem que ter responsabilidade com esse alguém. E ele era muito jovem. Eu não sabia ainda se ele seria uma pessoa de bem. Que é isso que a gente quer enquanto mãe, né? A gente quer que seja do bem. Para mim se ele for bem sucedido financeiramente ótimo, mas eu quero efetivamente é que ele seja feliz. E nessa caminhada eu tenho um homem companheiro maravilhoso hoje, que é meu filho. Já tá com quase 30 anos. E a cadeira virou meu trono. E eu reinei, estou reinando, estou aí rodando a minha cadeira, que eu chamo de “lascada da moléstia”, para todos os lugares desses Brasis levando essa história de vitória. De vitória, porque não é meritocracia, nem capacitismo. De vitória porque eu tenho os meus ancestrais. E foi e é em função deles que eu tenho força para dizer de que a vida vale muito, muito, muito a pena.

[Ana Neri] Mona, depois de você compartilhar, dividir aqui conosco um pouco da sua história, dos seus dons e talentos, os nossos ouvintes e eu também quero saber para já te encontrar e já te seguir, como nós podemos te achar pelas redes sociais? Conta para gente.

[Mona Rikumbi] Eu vou me despedindo com muita Coragem de Ser o que sou. Muito agradecida pelo convite. E quero encontrar com vocês no meu Instagram @Mona_Rikumbi e pela “Assim Somos”. Abraços e até sempre!

[Ana Neri] Mona, adorei conhecer a sua história incrível. Você é uma vencedora. Parabéns por ser esta grande artista, por tudo aquilo que você faz, por contribuir para que o mundo seja melhor através da sua arte. Seja muito bem-vinda sempre aqui com a gente! Um grande abraço para você! Tudo de bom e muito sucesso em tudo que você fizer, tudo aquilo que vem ainda pela frente para que você realize na sua vida. Mais uma vez, um grande abraço!

[vinheta] [café desaguando] Coragem de Ser... Só um Cafezinho.

[Flávia Machado] Você é um ser iluminado? Não sei o que você respondeu, mas acho que todos nós podemos ser iluminados, se contribuirmos para que este mundo seja um lugar melhor para todo mundo. Mas tem gente que acha que toda pessoa com deficiência é um ser iluminado, um anjo do céu, que veio agraciar a vida de quem está perto dessa pessoa. Mas será que é mesmo?

Essa qualidade “angelical”, às vezes dada a pessoas com deficiência, tira a humanidade delas. Faz com que elas sejam consideradas a todo momento como pessoas inocentes, boas, gentis, alegres, calmas e que... não namoram. E como são pessoas, elas também têm seus momentos

de malícia, maldade, tristeza, raiva. Ah! E além de namorarem, as pessoas com deficiência também se casam e têm filhos, tá?

Sei que muitas vezes que uma pessoa chama pessoa com deficiência de “anjo” ela não pensa nessa desumanização, mas agora que estamos aqui batendo esse papo, talvez você reflita sobre isso. E lembre-se de que qualquer pessoa pode ser iluminada, pelas atitudes dela e não porque ela tem alguma deficiência.

E por falar em atitude, tem muito jovem com deficiência postando vídeos e reflexões bem interessantes nas redes sociais. Esses dias ouvi a Clarinha Mar dizer assim em um vídeo: “A vida é curta, quando você não sabe usufruí-la. Quando você sabe, ela pode durar uma eternidade”. Você já pensou nisso? Eita! Esse papo eu vou deixar para outro café. Porque esse daqui ó ... já acabou.

Eu sou Flávia Machado, mulher branca, de cabelos castanhos cacheados bem curtos e olhos castanhos. Hoje vestindo blusa branca com folhinhas azul, vermelha e rosa, calça jeans e allstar preto. Até o próximo ...

[vinheta] ... Só um Cafezinho.

[vinheta] Coragem de Ser ... veja a pessoa e não a deficiência.

[Ana Neri] E nós terminamos esse Coragem de Ser aqui na Rede Aparecida de Rádio com a sensação de que na nossa vida simples podemos ser extraordinários e viver com mais sabedoria. E se você quiser nos contar a sua história manda para gente uma mensagem pelas redes sociais usando @RadioAparecida. Você encontra a gente tanto no Instagram, quanto no Facebook. E aqui no Coragem de Ser pelas ondas da Rede Aparecida de Rádio, nós nos encontramos no próximo sábado, depois da Consagração a Nossa Senhora, às 3:15 da tarde. Um grande abraço e até lá!

[música calma – violão]

“Tente pensar no amor

E aprender com a dor

Se é pra recomeçar,

Que seja como for

Não tem receita

Tudo se ajeita

Deixa o amor entrar devagar”

[Narradora] A Rede Aparecida de Rádio apresentou Coragem de Ser, que volta no próximo sábado às 3:15 da tarde.